

66m. Brasil

Pujança do setor privado

JORNAL DA TARDE

24 SET 1993

A economia brasileira deverá apresentar, neste ano, seu melhor resultado desde 1986. No primeiro semestre, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) foi de 5,49% em relação a igual período de 1992, de acordo com dados do IBGE. Embora esteja sendo detectada uma redução na velocidade de expansão da produção, o resultado de todo o ano deve ficar entre os 4,1% de crescimento estimados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão do Ministério do Planejamento, e os 6% ou 7% projetados pelo Instituto de Economia Industrial da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mesmo que se confirme a previsão mais pessimista, a do Ipea, o PIB brasileiro apresentará um aumento que não se via desde 1986, quando, estimulada artificialmente pelo Plano Cruzado, a produção de bens e serviços no País expandiu-se 7,6%.

Há dois outros fatos positivos nos dados do IBGE. Um deles é que, pela primeira vez desde 1989, o PIB cresce por três trimestres consecutivos (e deve crescer também no período julho-setembro, de acordo com dados preliminares). O outro fato positivo é o desempenho da indústria.

Segmento que foi mais afetado pela prolongada crise econômica, a indústria de transformação registrou um crescimento de 10,89% no primeiro semestre deste ano em relação aos seis primeiros meses de 1992. A recuperação está sendo puxada pelas indústrias de bens de capital (ônibus, caminhões, máquinas e implementos para agricultura e construção) e de bens duráveis (automóveis e eletrodomésticos).

O desempenho corrente da economia brasileira constitui um elemento essencial para que os especialistas de organismos internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), atribuam à América Latina (e também aos países em desenvolvimento da Ásia) um papel decisivo para a recuperação da econo-

mia mundial neste ano e no próximo. De acordo com a **World Economic Outlook** (Perspectiva Econômica Mundial), divulgada anteontem pelo FMI, neste ano os países industrializados deverão ter uma expansão de 1,1%, enquanto os países em desenvolvimento deverão crescer 6,1% (a crise dos países da Europa Central e da ex-URSS puxará a média mundial para apenas 2,2%). No próximo ano, enquanto os países industrializados devem crescer 2,2%, os em desenvolvimento crescerão 5,5%.

É paradoxal que, enquanto contribui para melhorar as estatísticas de produção, o Brasil ainda continue a degradar os dados relativos à inflação. Por causa da inflação cronicamente alta no Brasil, a inflação média da América Latina deverá ficar em 220% neste ano. Sem o Brasil, a média cai para apenas 16%, um índice baixo para uma região que, até havia pouco, parecia condenada a conviver com inflações muito altas.

Esse paradoxo é explicado pelo economista Carlos Langoni. Ele diz que, em países que já resolveram o problema da inflação, como o México, a Argentina e o Chile, o crescimento deve-se basicamente aos ajustes feitos no setor público. No Brasil, onde a inflação continua alta justamente porque não se fez ainda esse tipo de ajuste, o crescimento é fruto exclusivamente do esforço do setor privado, que melhorou seu desempenho, aumentou sua produtividade, reduziu seus custos, inovou, buscou e conquistou mercados.

É essa pujança do setor privado — fruto da criatividade do empresariado e da extensão do parque produtivo brasileiro, incomparavelmente mais diversificado do que os dos demais países em desenvolvimento, dentro ou fora da América Latina — que permitirá ao Brasil voltar rapidamente aos primeiros lugares em termos de desempenho econômico. Para isso, só falta uma moeda.